

cmp 1.2.2.191

# Guilherme visto por outros intelectuais

*Arita Damasceno Pettená*

Quando em julho de 1968, o Clube dos Poetas, em seu primeiro ano de existência, convidava Guilherme de Almeida para que fosse alvo das homenagens de sua terra, mal poderia imaginar o Príncipe que dela já estivesse se despedindo, tais as manifestações de carinho e de ternura haveria de receber de "Sua Alteza, a Princesa do Oeste". E num jantar memorável, que se realizou a 20 de dezembro, na cabana do Círculo Militar, sob a presidência de Pettená, Guilherme, em sua Elegia a Campinas, repetia, de início, a mensagem de sua entrada na Academia Brasileira de Letras: "O Príncipe não é o principal. O principal é haver, entre as muitas terras do utilitário mundo de hoje, uma terra que ainda sonha". E agora acrescentava: "Ora, essa terra útil que ainda sonha porque acredita nos poetas, essa terra, neste instante, é esta nossa, bem nossa, sempre nossa, casa vez mais nossa Campinas". E à certa altura, conclama, emocionado: "Campinas, amorosa amada minha de vós trazendo a luz do meu primeiro dia, / o amor dos meus e o amor aos meus, / eu deixei de ser "eu" para ser "Nós".

Seis meses depois, num 11 de julho, que marcava nascimento de Carlos Gomes, morria Guilherme. E São Paulo inteira chorou o seu poeta soldado. E o Brasil todo espalhava pelos jornais, do mais humilde ao mais conceituado, a vida e a obra de tudo aquilo que ficara inédito do grande poeta paulista. Dele falaram grandes críticos. Poetas irmãos. Os amigos intelectuais. E os suplementos literários do Estadão, em edições quase que sucessivas, trouxeram a público muito daquilo que nos era desconhecido. Muito da sua pericia até então pouco divulgada pela Imprensa. E que "Guilherme de Almeida é um poeta paulis-

ta, brasileiro e universal. É por sua universalidade de que é entendido e compreendido em sua poesia onde quer que haja almas sensíveis à beleza". Esta a afirmação de Athaide, presidente da Academia Brasileira de Letras, por ocasião da entrega de um medalhão de bronze, esculpido com a efígie do poeta, quando do cinquentenário de "Nós".

E que "o lirismo de Nós, de Messidor, de A Dança das Horas e de tantos outros volumes de versos haveria de permanecer na memória de quantos lhe seguiram o rico itinerário poético". Estas palavras textuais de Cassiano Ricardo, num estudo sobre "Guilherme e suas antecipações", bem retratam a poética do vate campineiro. E a aponta ainda como dá há muito precursora da poesia de vanguarda, tal o seu imagismo, a disposição gráfica de muitos de seus poemas. Como lírico, dizem os entendidos, "fez versos tão à Camões que o próprio Camões gostaria de assinar". E é nessa segunda fase que o crítico Osvaldinho Marques enquadra Guilherme, apontando-o como um dos "magos da virtuosidade". Para Manuel Bandeira "Guilherme é o maior artista de verso em língua portuguesa". No dizer de Alcântara Silveira, Guilherme, mais que ninguém, "sabia impor a sua marca, espécie de brasão que se imprime no lacre ainda quente". Luso Ventura o qualificava de "o bruxo da palavra e do pensamento". E Paranhos de Siqueira, ao considerá-lo "feiticeiro do verso", justificava-o, dizendo: "Havia nele a imaginação fecunda — fonte inesgotável de originalidade de seus versos".

Se vivo fosse, Guilherme estaria completando hoje 93 anos. Nesta crônica, a nossa homenagem.

"Coberto Popular" - 24-VII-1983